PECUÁRIA DE CORTE

O **Plano de Estabilização Econômica** *exacerbou a demanda, há anos reprimida. Desde 1977 a oferta de carne vem caindo continuamente. As importações acertadas para o equilíbrio do abastecimento serão feitas em momento propício, dadas as baixas cotações no exterior.*

A crise que se verifica no abastecimento de carne, habitual na estação fria, em tudo se assemelha à dos anos anteriores, excetuando-se os aspectos devidos às novas variáveis introduzidas no mercado pelo **Plano de Estabilização Econômica.**

A estocagem, sendo o único recurso adequado para evitar altas sazonais dos preços, mais uma vez não foi implementada corretamente. O atraso na formação das reservas, a hesitação entre comprar no país e importar, repetindo ponto por ponto o ocorrido em 1985, configuraram o mesmo quadro de incapacidade operacional, por parte do governo, de evitar conturbações no varejo, que comprometam a regularidade do abastecimento ou o congelamento de preços. Isto ocorre, apesar da proposta do **Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC)**, encaminhada em outubro passado, ao **Ministério da Agricultura.** Na época, o **CNPC** recomendava uma estocagem de 110 mil t de carne bovina, que seriam suficientes para complementar o suprimento de dezesseis capitais estaduais, nos meses de junho a setembro. Ressaltava, também, a necessidade de se fazer a estocagem, com antecedência, no período de dezembro a maio.

O Plano de Estabilização Econômica, no entanto, trouxe mudanças ponderáveis no âmbito do consumo, sendo a principal delas o aumento da demanda, acentuando, aliás, a tendência já evidenciada, no ano passado, com a retomada do desenvolvimento econômico, que resultou em ganhos reais de salário e, a partir de janeiro, com a redução dos descontos do **Imposto de Renda** na fonte.

Ao fazer saltar de 25 kg, em fevereiro, para 34,3 kg, em março, o poder de compra do salário mínimo em relação à carne bovina, o **Plano de Estabilização** acrescentou um elemento complicador ao mercado que, desde 1977, caracteriza-se por um declínio constante da oferta (ver Cuadros 01 e 02). Com efeito, ao extinguir a correção monetária, eliminou a ilusão de ganhos financeiros das cadernetas de poupança, desencadeando um aumento de liqüidez da classe média, que liberou seu consumo, grandemente reprimido na presente década.

Apesar das manifestações favoráveis dos pecuaristas quanto ao **Plano**, no seu lançamento, previa-se que o congelamento dos preços da carne bovina suscitaria problemas, tendo em vista que a sua alta nos meses frios tornou-se tradição. Além disso, era conhecido o papel desempenhado pela pecuária na Argentina, como fator de desestabilização do **Plano Austral.**

Assim, às medidas de congelamento do preço no varejo, seguiram-se as pro-

QUADRO 01 – SÃO PAULO – QUANTIDADE DE CARNE ADQUIRIDA NO VAREJO PELO SALÁRIO MÍNIMO MÉDIO MENSAL[1] – 1977 A 1986
(em kg)

ANO	CARNE BOVINA
1977	47,0
1978	37,0
1979	28,7
1980	29,5
1981	36,0
1982	38,7
1983	28,8
1984	25,9
1985	31,8
1986[2]	33,0
fev	25,0
mar	34,3

FONTE – IEA e FGV.
[1] inclui o 13º salário;
[2] estimativa.

QUADRO 02 – BRASIL – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE CARNE BOVINA – 1977-85

ANO	PRODUÇÃO (1.000 t)[1]	IMPORTAÇÃO (1.000 t)[1]	EXPORTAÇÃO (1.000 t)[1]	CONSUMO APARENTE TOTAL (1.000 t)[1]	CONSUMO APARENTE PER CAPITA (kg/hab/ano)
1977	2.446	39	217	2.268	20,6
1978	2.320	146	148	2.318	20,5
1979	2.114	144	118	2.140	18,5
1980	2.084	97	189	1.991	17,2
1981	2.115	91	315	1.886	15,4
1982	2.385	22	398	2.009	16,0
1983	2.360	30	500	1.890	14,7
1984	2.096	47	526	1.617	12,2
1985	2.136	41	537	1.640	12,1

FONTE – IBGE, Cacex e FGV.
[1] Em equivalente-carcaça.

QUADRO 03 – PREÇOS RECEBIDOS PELA VENDA DE ANIMAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO E CARNE BOVINA NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO – PERÍODO JANEIRO A MAIO DE 1986

MÊS	PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO ESTADO DE SÃO PAULO						PREÇO NO VAREJO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
	Bezerro (Cz$/cabeça)	Índice Fev = 100	Boi Magro (Cz$/cabeça)	Índice Fev = 100	Boi Gordo (Cz$/arroba)	Índice Fev = 100	Carne Bovina (Cz$/kg)	Índice Fev = 100
Jan	877,39	80	1.987,94	95	211,89	99	24,90	96
Fev	953,74	100	2.089,89	100	214,15	100	26,01	100
Mar	1.028,37	108	2.168,91	104	213,13	100	25,36	97
Abr	1.221,10	128	2.390,30	114	214,10	100	25,07	96
Mai	1.430,40	150	2.695,30	129	219,02	102		

FONTE – IEA-SP.

vidências tomadas no âmbito da produção, abate e distribuição, visando ao seu êxito. Firmou-se, então, em meados de março, um **acordo de cavalheiros**, entre pecuaristas e frigoríficos, que foi rompido no mês de maio, quando o preço da **arroba** do boi gordo subiu de Cz$ 215,00 para Cz$ 240,00, em Presidente Prudente. A alegação básica dos pecuaristas, mais defendida pela categoria dos invernis-



tas, referia-se ao tabelamento unilateral do boi gordo, deixando que flutuassem livremente os preços dos animais de reposição (boi magro e bezerro). A relação boi gordo/boi magro que, em condições normais, situa-se perto de 1,5, ficou mais próxima da unidade, inviabilizando a atividade de engorda terminal dos animais (ver Quadro 03).

Não relegando a importância da não-abrangência dos animais de reposição pelo tabelamento, há que se ressaltar a influência altista proveniente da intensificação da sua procura, desencadeada pelo **Plano de Estabilização**. É ponderável a quantidade de recursos, de pecuaristas ou não, até então em

QUADRO 04 – LEILÃO DE BOVINOS NAS 51ª E 52ª EXPOSIÇÕES NACIONAIS DE GADO ZEBU – 1985-86

ANO	ANIMAIS VENDIDOS (cabeça)	VALOR (Cz$)	PREÇO MÉDIO (Cz$/cabeça)
1985	899	9.162.500,00	10.191,88
1986	1.080	66.720.600,00	61.778,33
Variação (%)	–	–	506

FONTE – Associação Brasileira de Criadores de Zebu.

poupança, que estão sendo redirecionados à atividade produtiva, principalmente à pecuária. A alta de preços verificada nos leilões de animais em Minas Gerais ilustra muito bem essa nova **corrida** à pecuária de corte (ver Quadros 04 e 05). O preço médio por **arroba** dos animais leiloados, em maio, foi 40,2% superior à média de todos os leilões, coordenados pela Emater-MG, em 1986, caracterizando o crescimento da demanda por bezerros e novilhos naquele estado (ver Quadro 05). Por outro lado, observa-se uma certa retração da oferta de bezerros e bois magros, tendo em vista a sua retenção parcial pelos próprios criadores que, dispondo de maior capital de giro com a desmobilização da poupança, optaram por bancar a etapa seguinte do processo criatório, confiantes no êxito da recuperação da economia. Por fim, como fator impulsionador dos preços dos animais de reposição, mencione-se a influência indireta da Reforma Agrária, que, segundo se observa em determinadas áreas, tem contribuído para aumentar sua demanda, com vista a diminuir o **grau de improdutividade** dos latifúndios.

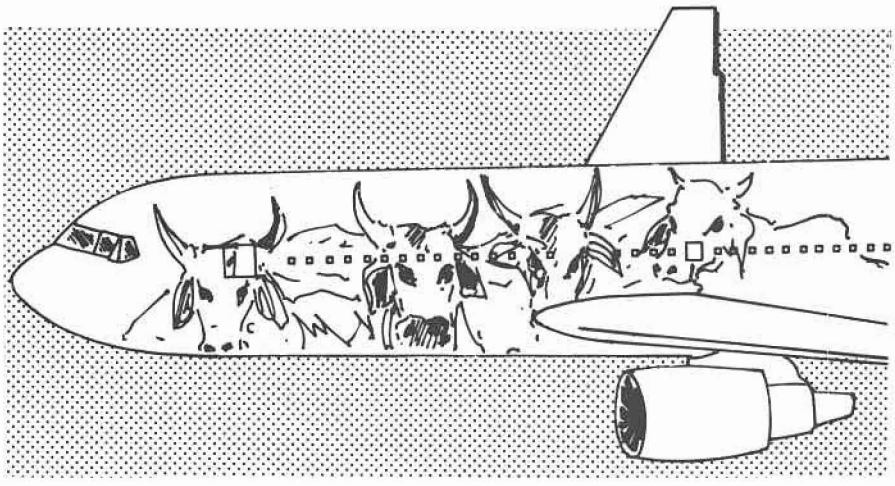
QUADRO 05 – FEIRA DE BEZERROS[1] E NOVILHOS[1] DE CORTE DE MINAS GERAIS – 1985-86

ANO/MÊS	ANIMAIS VENDIDOS (cabeça)	PREÇO MÉDIO (Cz$/cabeça)	PREÇO MÉDIO (Cr$/arroba)
1985	65.000	420,00	63,00
1986[2]	40.000	1.950,00	287,00
Variação 86/85 (%)	–	364	356
Maio/86[2]	4.937	2.460,79	402,48

FONTE – Emater-MG.
[1] Idade variando de 12 a 30 meses;
[2] Municípios de Nanuque, Montalvânia e Unaí.

Em face do crescimento da demanda, acima da expectativa geral, a quantidade dos estoques proposta pelo **CNPC** foi superada, obrigando o governo a revê-la. Na verdade, a constatação do **aquecimento** do mercado ocorreu em fins de abril, quando, normalmente, boa parte da reserva já deveria ter sido formada. Nessa época, prenunciavam-se as primeiras arremetidas dos pecuaristas (invernistas), no sentido de romper o **acordo**, em virtude da alta dos preços dos animais de reposição. O governo limitou em 250 mil t a quantidade a ser estocada, anunciando que a maior parte deveria provir do mercado externo, uma vez que as tentativas de compras internas tinham fracassado, em virtude da defasagem entre o preço oficial e o pretendido pelos pecuaristas.

Segundo o comércio varejista, aumentou em 20% o consumo de carne bovina no país, após a reforma econômica. No bimestre março/abril, no entanto, a **Pesquisa Mensal de Abates**, do **IBGE**, registrou um crescimento de 15,4%, significando que, embora evidente, a melhoria na ingestão do produto foi bem menor (ver Quadro 06). A exportação, por sua vez, cresceu 4,5% significando que o aumento da



oferta interna proveniente da rede de frigoríficos **SIF** foi ainda menor do que o indicado pelo **IBGE** (ver Quadro 07).

No mês de junho, com a persistência do processo altista do boi gordo, travaram-se novas escaramuças entre o governo federal e os pecuaristas. A ameaça aos responsáveis pela retenção do boi não se restringiu apenas ao corte de crédito, indo até o confisco do rebanho, medida arrimada em uma das **leis delegadas**. Igualmente aos frigoríficos, e às empresas exportadoras, foram anunciadas medidas coercitivas, numa tentativa de regularizar o abastecimento que, sobretudo no eixo Rio-São Paulo, começava a ficar conturbado, por escassez do produto.

Colateralmente, os jornais começaram a veicular queixas dos curtidores, referentes à alta de preços do couro, iniciativa dos frigoríficos como forma de contornar a queda na rentabilidade, derivada do rompimento do **acordo**, por parte dos pecuaristas. Para não prejudicar o total de divisas provenientes da exportação de calçados, o governo federal autorizou a compra da matéria-prima no exterior, aumentando o rol ou a quantidade dos produtos a serem importados no corrente ano.

A re-entrada do Brasil no mercado internacional, como importador de

QUADRO 06 – BRASIL – ABATE DE BOVINOS E PESO DAS CARCAÇAS – JANEIRO/FEVEREIRO E MARÇO/ABRIL – 1985-86

DISCRIMINAÇÃO	JANEIRO + FEVEREIRO							
	1985				1986			
	Total	Boi	Vaca	Vitelo	Total	Boi	Vaca	Vitelo
Abate (1.000 cab.)	1.636	1.037	592	7	1.680	1.011	663	6
Participação (%)	100,0	63,4	36,2	0,4	100,0	60,2	39,5	0,3
Peso das Carcaças (1.000 t)	339.755	237.822	101.205	728	338.574	228.247	109.791	536
Participação (%)	100,0	70,0	29,8	0,2	100,0	67,4	32,4	0,2
Peso Médio (kg)	207,7	229,3	171,0	104,0	201,5	225,8	165,6	89,3
	MARÇO + ABRIL							
Abate (1.000 cab.)	1.854	1.241	606	7	2.103	1.440	659	4
Participação (%)	100,0	66,9	32,7	0,4	100,0	68,5	31,3	0,2
Peso das Carcaças (1.000 t)	396.850	291.714	104.515	621	458.088	343.027	114.665	396
Participação (%)	100,0	73,5	26,3	0,2	100,0	74,9	25,0	0,1
Peso Médio (kg)	214,1	235,1	172,5	88,7	217,8	238,2	174,0	99,0

FONTE – Pesquisa Mensal de Abate de Animais – IBGE.

carne bovina, deu-se em momento propício, visto que, em razão da nova política fixada para as pecuárias de corte e leite nos **EUA** e na **Comunidade Econômica Européia**, os preços estão em nível atraente. As despesas com a aquisição das 250 mil t (caso se concretize totalmente), da ordem de US$ 200 milhões, podem, pois, ser consideradas não muito onerosas.

Embora menor, a parcela a ser comprada do **Uruguai** e da **Argentina** terá um preço médio mais elevado. Não obstante a folga existente nas reservas cambiais acumuladas nos últimos meses, resta sempre a dúvida de que poderia ser mais correto fazer-se o contingenciamento das exportações, uma vez que o país tem exportado uma média de 500 mil t (em equivalente-carcaça) de carne ao ano, desde 1983. O aumento da demanda interna, derivada do **Plano de Estabilização**, ainda que previsível, não foi de imediato considerado, de modo a revisar as metas das empresas, que pretendem exportar 600 mil t, no corrente ano.

Até o mês de abril, as exportações alcançaram 166,3 mil t (em equivalente-carcaça) superando em 11,2% o desempenho de 1985. Tanto em razão da fase depressiva dos preços internacionais, como do não-cumprimento do **acordo** no mercado interno, a rentabilidade dos frigoríficos tem declinado, nos últimos meses. O balanço projetado para o corrente ano significa certo retrocesso da posição brasileira no mercado internacional de carne bovina, uma vez que o saldo líquido será de apenas 240 mil t exportadas, ao invés de 496 mil t, em 1985.



Com a continuidade da política de redução de estoques (excedentes) nos **EUA** e na **CEE**, nos próximos anos, o mercado internacional ainda se caracterizará por uma certa folga na oferta, tendo em vista o incremento dos abates, para a redução dos seus respectivos rebanhos. No longo prazo, porém, as perspectivas são favoráveis ao Brasil, que dispõe de condições altamente vantajosas para a atividade criatória, em geral. Neste sentido, a proposta do **Conselho Nacional de Pecuária de Corte** para o ano 2000 torna-se novamente oportuna (produção de 6,6 milhões de t, consumo interno de 5,6 milhões de t e exportação de 1 milhão de t (ver **Agroanalysis**, volume 8, nº 6).

QUADRO 07 – BRASIL – EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA – PERÍODOS JANEIRO/FEVEREIRO E MARÇO/ABRIL – 1985-86

ANO	JANEIRO + FEVEREIRO					
	CARNE DE BOVINO CONGELADA, FRESCA OU REFRIGERADA			CARNE DE BOVINO INDUSTRIALIZADA		
	Quantidade (t)	Valor (Fob) (US$ 1.000)	Preço Médio (Fob) (US$/t)	Quantidade (t)	Valor (Fob) (US$ 1.000)	Preço Médio (Fob) (US$/t)
1985	22.487	45.687	2.031,71	14.904	30.138	2.022,14
1986	12.893	26.242	2.035,37	25.980	40.497	1.558,78
Variação (%)	–42,7	–42,6	0,2	74,3	34,4	–22,9
	MARÇO + ABRIL					
1985	20.707	38.234	1.846,43	18.977	40.571	2.137,90
1986	28.545	58.092	2.035,10	15.679	41.674	2.657,50
Variação (%)	37,9	51,9	10,2	–17,4	2,7	24,3

FONTE – Cacex/Funcex.

Nota: Em equivalente-carcaça, foram exportadas 70.983 t e 84.295 t no primeiro bimestre de 1985 e 1986, respectivamente, correspondendo a um aumento de 18,9%. Para o segundo bimestre, as quantidades foram 78.503 t e 82.015 t, respectivamente, representando um acréscimo de 4,5%.